



NEGRITUDE E LUTA ANTIRRACISTA NAS COMPOSIÇÕES DE BEYONCÉ

Palavras-Chave: BEYONCÉ, RACISMO, NEGRITUDE

Autores(as):

BRUNA ALESSANDRA DOS SANTOS RASERA, GABRIEL CAVALCANTE MENDES, LARISSA SILVEIRA DA SILVA, PIETRA NUNES AREDES CARDOSO, VITORIA RODRIGUES DE SOUZA, YASMIN TAVARES NOBERTO, Cotuca – Unicamp

Profª. Me. JULIANA MERES COSTA (orientadora), Cotuca – Unicamp

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho analisou o conteúdo de todas as músicas de todos os álbuns solo da cantora norte-americana Beyoncé, verificando os temas presentes nas mesmas e, em especial, a incidência de conteúdos ligados à valorização da negritude ou cultura negra. Ao iniciar este trabalho, já sabíamos que o mais recente projeto da cantora consiste em se apropriar de gêneros musicais em que artistas negros sempre estiveram marginalizados ou excluídos, como a *house music*, o country e o rock. Para além da representatividade negra em diferentes gêneros musicais, Beyoncé tem, com seu projeto em três atos, a intenção de educar a população dos Estados Unidos e o restante do mundo sobre a verdadeira história da música, mostrando que tais gêneros foram criados por artistas negros, aqui reverenciados. Entretanto, tínhamos o intuito de verificar se a discografia da cantora já trazia evidências dessa valorização da cultura negra desde o início ou se houve uma mudança e maior sofisticação no tratamento do tema ao longo da carreira da artista.

METODOLOGIA:

Para a realização deste trabalho, criamos duas planilhas distintas para computar os resultados obtidos pela análise de conteúdo das letras das canções de cada álbum. A planilha 1 contém 9 abas, uma para cada um dos 9 álbuns analisados, e nela detalhamos, de maneira resumida, o tema central de

cada faixa de cada álbum. Também destacamos exemplos de trechos ou versos encontrados nas músicas que nos permitiram identificar o tema ali presente.

A segunda planilha traz apenas as músicas em que foram encontradas menções a negritude ou alguma forma ou nuance de valorização da cultura negra. Após o preenchimento da planilha 1, inserimos na planilha 2 apenas as músicas relevantes ao nosso tema de pesquisa.

Com isso, conseguimos ter uma visão panorâmica de todo o *corpus* em análise, o que facilitou muito a identificação dos resultados finais. Além deste trabalho de análise de conteúdo das letras, fizemos a leitura e discussão de autoras essenciais aos estudos sobre raça e cultura negra, tais como Angela Davis, bell hooks, Chimamanda Ngozi Adichie e Djamilia Ribeiro, a fim de entender melhor sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Após a análise de todas as músicas de Beyoncé, nossas hipóteses iniciais foram confirmadas e identificamos que a preocupação com a valorização da negritude começou a ocorrer, de maneira mais intensa, a partir de 2016 com o lançamento do álbum *Lemonade*. Juntos, os cinco primeiros álbuns da cantora (*Dangerously In Love*, *B'Day*, *I Am...Sasha Fierce*, *4* e *Beyoncé*), possuem 71 músicas, e neles encontramos apenas duas em que há referências a elementos da cultura negra: as canções *Hip Hop Star* (*Dangerously in Love*) e *Flawless* (*Beyoncé*). A análise dos quatro últimos lançamentos da cantora (*Lemonade*, *The Lion King: The Gift*, *Renaissance* e *Cowboy Carter*), por outro lado, revelou uma realidade bastante diferente. De 70 músicas, encontramos 30 obras contendo elementos que nos remetem a negritude ou que de alguma forma trazem a valorização da cultura negra.

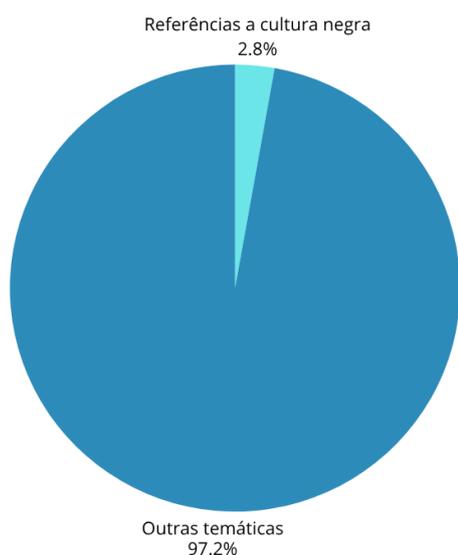


Gráfico 1: Distribuição de temas em músicas da Beyoncé entre 2003 e 2013.

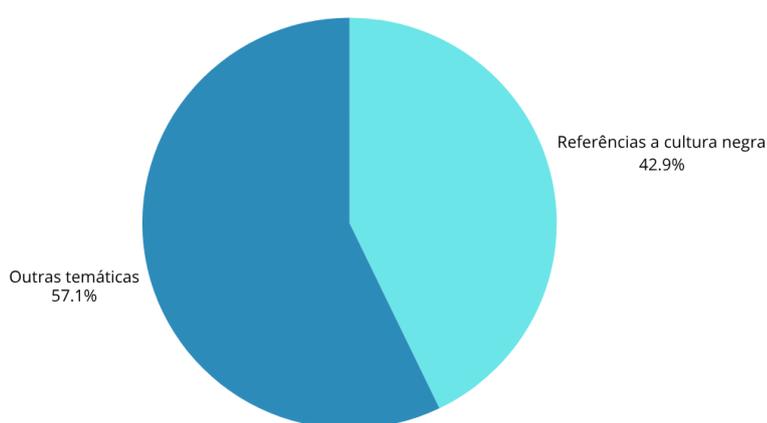


Gráfico 2: Distribuição de temas em músicas da Beyoncé entre 2016 e 2024.

Em “O Chitlin circuit: sobre a comunidade negra” (2019), bell hooks destaca a importância da reconstrução da memória como ferramenta de resistência e luta para a população negra. “Nos dias atuais, os jovens negros frequentemente não têm conhecimento da história negra e são incapazes de identificar líderes negros importantes, como Malcolm X.” (p. 98), afirma a autora. Acreditamos que essa mudança na abordagem temática das canções de Beyoncé, assim como na sua postura enquanto artista, contribui para a divulgação de fatos sobre a história afro-americana, especialmente mostrando ao público jovem a relevância que os negros tiveram não apenas na música, mas também na formação dos Estados Unidos de maneira mais ampla. Na música *Don't hurt yourself*, do álbum *Lemonade* (2016), Beyoncé clama, em meio a versos que trazem ofensas ao homem que a traiu, “call me Malcolm X”¹. Podemos aqui supor que tal afirmação, no mínimo, desperta a curiosidade de seu público a respeito da figura citada, afinal somente conhecendo essa personalidade é possível entender a comparação feita pela cantora na música.

Ainda segundo bell hooks (2019), a arte é um âmbito poderoso de resistência cultural, “um espaço que serve para despertar a consciência crítica e dar novas visões.” (p. 98). Vários são os exemplos desse despertar da consciência crítica que podemos tirar de letras de canções de Beyoncé e iremos aqui citar dois. Na canção *YA YA*, do álbum *Cowboy Carter* (2024), temos o trecho:

*"My family lived and died in America,
Good ole USA (fellow USA),
Whole lotta red in that white and blue,
History can't be erased,
You lookin' for a new America (America)
Are you tired workin' time and a half for half the pay?"*²

Vemos que nessa música Beyoncé relaciona o vermelho presente na bandeira dos EUA ao sangue derramado dos escravos que trabalharam na construção do país, destacando que “a história não pode ser apagada”. A artista ainda relaciona o processo histórico de exploração dos negros à situação de exploração de trabalho que muitos ainda vivem, quando pergunta: “você está cansado de trabalhar por um período e meio e receber meio salário?”. A figura 1 (acima), presente no livro da turnê *Cowboy Carter*, de 2025, mostra Beyoncé coberta de sangue enquanto costura a bandeira dos Estados Unidos, imagem que novamente faz referência à morte da população negra escravizada que atuou na construção do país, mas que também reverencia



Figura 1: Imagem presente no livro da turnê *Cowboy Carter* de Beyoncé (2025).

¹ Em tradução livre: “Me chame de Malcolm X”.

² Em tradução livre: “Minha família viveu e morreu na América, bom e velho EUA. Muito vermelho nesse azul e branco. A história não pode ser apagada. Você está procurando por uma nova América? Está cansado(a) de trabalhar um período e meio e receber meio salário?”.

especificamente a Grace Wisher, jovem negra que ajudou a costurar a primeira versão da bandeira norte-americana (em 1813) e é frequentemente ignorada nos livros de história. Assim, vemos aqui os dois pilares do novo projeto artístico de Beyoncé: chamar a atenção de seu público para a verdadeira história dos EUA (e da música) e dar visibilidade a talentos negros que foram apagados pelo racismo.

A música *Amen*, que fecha o álbum *Cowboy Carter* (2024), é a segunda sobre a qual queremos falar. Nela, a artista canta:

*“This house was built with blood and bone
And it crumbled, yes, it crumbled
The statues they made were beautiful
But, they were lies of stone, they were lies of stone”³*

Aqui vemos novamente uma aula sobre a história dos EUA, com destaque para o fato de que as mentiras que foram contadas no passado não se sustentam mais, pois sabe-se do papel crucial dos negros escravizados na formação do país. A artista destaca também a presença de estátuas de personalidades que são historicamente cultuadas, indicando que são mentiras feitas de pedra. Como exemplo do que Beyoncé quer expor podemos citar a famosa estátua de Abraham Lincoln, importante ponto turístico da cidade de Washington. Embora Lincoln seja considerado o presidente que aboliu a escravidão nos EUA, sabe-se que foram os próprios negros escravizados os responsáveis pela luta armada que culminou na liberdade deles após a Guerra Civil. Não coincidentemente, uma camiseta vendida durante a passagem da turnê *Cowboy Carter* por Washington trazia a cantora ocupando o lugar de Lincoln na famosa estátua, conforme mostram as figuras 2 e 3.



Figura 2: Estátua de Abraham Lincoln em Washington (foto: Juliana Meres Costa).



Figura 3: Camiseta vendida na turnê *Cowboy Carter* (fonte: site [beyonce.com](https://www.beyonce.com)).

³ Em tradução livre: “Essa casa foi construída com sangue e ossos. E ela desmoronou. As estátuas que eles fizeram eram lindas. Mas eram mentiras feitas de pedra.”

CONCLUSÕES:

De acordo com Angela Davis (2017), a arte tem “o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam.” (p. 166). Acreditamos que o novo direcionamento que Beyoncé tem dado a sua carreira pode representar, para muitas pessoas, uma revolução pessoal. Ao divulgar fatos históricos e dar visibilidade a artistas negros, a cantora, além de conscientizar seu público, contribui com o fortalecimento da autoestima da população afrodescendente. De acordo com Davis:

A arte progressista pode ajudar pessoas a aprender não apenas sobre as forças objetivas em ação na sociedade em que vivem, mas também sobre o caráter intensamente social de suas vidas interiores. Em última análise, ela pode incitar as pessoas no sentido da emancipação social. (...) De todas as formas de arte historicamente associadas à cultura afro-americana, a música atuou como a principal catalisadora no despertar da consciência social da comunidade. (DAVIS, 2017, pp. 166-167).

Assim, a mudança temática que observamos na obra de Beyoncé a partir de 2016 é compreendida como um ato de grande potencial progressista, e somente ocorreu após o estabelecimento da cantora como um dos grandes nomes da música popular norte-americana.

BIBLIOGRAFIA

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, bell. “O Chitlin circuit: sobre a comunidade negra”. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.
- PHILLIPS, Sierra. “Grace Wisher: The Black Girl Who Helped Stitch the Star-Spangled Banner”. Disponível em: <https://origins.osu.edu/read/grace-wisher-black-girl-who-helped-stitch-star-spangled-banner>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.